

Introdução ao espectro

Se corpo é substância física, algo assim como a estrutura do bicho, e o espírito é a descorporificação dessa substância, então será que toda corporificação é decidível como um corpo? Rosa Esteves duvida disso, duvida dessa lógica que separa de um lado o corpo e de outro o espírito. E trabalha nessa zona de indecidibilidade, a zona do espectro.

O que é o espectro?

Não é corpo, mas também não é o descorporificado. Entretanto, há um corpo que sustenta essa passagem do espectro.

O espectro só se oferece no jogo do visível-invisível. Uma sombra, uma dúvida, um não estar totalmente presente no estar. Uma marca no corpo.

Um efeito de espectro ao mostrar o corpo desconstruído em um avesso que não é bem avesso. Avesso que é direito, avesso desde sempre, construído nessas bandagens ao modo da desconstrução do corpo. Avesso que não é descorporificação nem corporificação. Bandagem dentro-fora.

Uma superfície banhada pelas formas e pelas forças do corpo: eis o espectro. Zona em que não fala o sujeito, mas em que não se conhece o objeto.

Zona em que algo erotiza, mas não é o sujeito. Zona da pulsão, da libido espalhada, mas apresentada ao modo não mediatizado. Nada da cor publicitária, que expõe os corpos arfando, suando. A múmia não arfa. O gozo não a toma?

A bandagem apóia-se nesse campo quase lógico, quase incorpóreo, quase corporificado, onde o corpo se mantém apenas por traços, por marcas, vestígios espectrais.

Assim, nesse avesso que não é avesso se define a bandagem do espectro, de Rosa Esteves. Aí se inventará o corpo.

José Luiz Aidar Prado

1997